

O que a TV está fazendo aos nossos filhos

Condensado de NEWSWEEK

Avolumam-se as provas
de que a televisão
nos Estados Unidos
tem influenciado
de maneira perigosa
as crenças, os valores e o
comportamento dos jovens

Há pouco tempo, um meninozinho tentou atingir com um golpe de caratê sua irmã que tinha quebrado sua estação biônica transportadora do Homem de Seis Milhões de Dólares. (Ela retaliou, golpeando-o com sua boneca.) A professora de sua escola maternal diz que ele é uma criança passiva, não criativa e quase por completo carente de períodos de atenção, ou seja, para encurtar a história, alguém muito semelhante aos seus outros coleguinhas. Dentro de alguns meses, ele vai iniciar-se no curso educacional, e os pais começam a discutir as suas pretensões — isso quando não estão muito ocupados, vendo televisão.

S HÁ poucos anos (com a primeira «geração TV» já na casa dos 20) é que os cientistas sociais — psicólogos infantis, pediatras e educadores — norte-americanos começaram a estudar com seriedade o impacto da televisão sobre os jovens. A. C. Nielsen, estatístico especializado em TV, diz que os menores de cinco anos, nos Estados Unidos, assistem em média a 23 horas e meia de televisão por semana. Um típico ginásiano diplomado terá registrado em sua mente pelo menos 15 mil horas de vídeo — mais tempo do que despendeu com qualquer outra atividade que não o sono. Levando em conta o caudal de publicidade e de violência com lesões corporais existente hoje nos vídeos, ele se terá exposto a 350 mil comerciais e participado indiretamente em 18 mil assassinios. A conclusão é inevitável: os pais acham que a televisão se tornou a

influência mais poderosa sobre as crenças, as atitudes, os valores e o comportamento dos jovens.

Não há que negar que a «máquina de fazer doido» trouxe também alguns benefícios. As crianças da geração TV possuem, em geral, uma visão muito mais aberta e sofisticada do mundo, e seu vocabulário é possivelmente mais rico (se bem que com entendimento apenas superficial do significado das palavras). A pesquisa realizada sobre o impacto de «Vila Sésamo» nas crianças norte-americanas constatou avanços reais na capacidade cognitiva de muitas delas em idade pré-escolar.

Não obstante, o conjunto esmagador de provas (inferido de mais de 2.300 estudos e relatórios) mostra-se decididamente negativo. Michael Rothenberg, psiquiatra infantil da Universidade de Washington, compulsou os 50 mais completos trabalhos dessa ordem, englobando dez mil crianças vindas de todos os meios possíveis. A maioria comprovava que a visão da violência tende a produzir um comportamento agressivo entre os jovens. «Há muito que passou a oportunidade de a classe médica fazer um protesto sólido e organizado contra isso que, em termos políticos, é um escândalo nacional», conclui Rothenberg.

Reação inesperada deu-se no inverno de 1976-77: a Associação Médica Americana pediu a dez das maiores corporações do país que revissem sua política publicitária

no que respeitava ao patrocínio de programas excessivamente sangüinolentos. «A violência na TV tanto é um problema de saúde mental quanto uma consequência do meio», explica o Dr. Richard E. Palmer, presidente daquela associação. Em sua defesa, a gente de televisão sustenta que não se sabe com certeza se a violência pela TV é culpada de produzir o comportamento agressivo que se observa hoje em dia, enquanto os programadores das redes dizem estar reduzindo vigorosamente a dose de violência no vídeo.

Quem fala mais alto. A brutalidade física, porém, não é senão um dos lados do impacto causado por esse meio de veiculação. A televisão, no mínimo, veio alterar a escalada do próprio desenvolvimento infantil tradicional. O tempo que as crianças levam sentadas catatonicamente à frente da tela é roubado de atividades salutaras, como a leitura e as brincadeiras na rua, e até mesmo dos seus simples momentos de solidão contemplativa. Poucos pais conseguem competir com tão tirânico fascínio. Há pouco, o Dr. Benjamin Spock trouxe a Nova York sua enteada e sua neta para assistirem a um concerto e a um *show* na Broadway. Pois ele, que tem receita para quase tudo, desde erupções causadas pelas fraldas até o pipi na cama, se viu em palpos de aranha com a TV. «De todas as atrações da cidade, era a televisão aquela que as crianças pareciam achar a mais fascinante», lembra.

Não é sem razão que já se tem chamado a televisão de «aquela que fala mais alto». Antigamente, na volta da escola ou à noitinha, era hábito um diálogo do tipo «que é que você fez hoje»? Agora, quem realmente fala é o aparelho. Uma velha professora primária das cercanias de Washington notou que seus alunos exorbitavam nas conversas, ao chegarem para a aula. «Em casa, não podem falar quando a TV está ligada», diz ela. «Aqui, é como se estivessem famintos por trocar idéias.» O Dr. David Pearl, do Instituto Nacional de Saúde Mental, dos Estados Unidos, suspeita de que a televisão «haja substituído muitos dos processos normais de interação entre pais e filhos, processos esses essenciais ao máximo desenvolvimento da personalidade».

Uma série de estudos demonstrou que o vício da TV asfixia a imaginação criativa. Um exemplo: um grupo de pesquisadores da Universidade do Sul da Califórnia fez que 250 alunos do primário (mentalmente bem dotados) assistissem intensivamente a três semanas de programação de TV. Testes posteriores demonstraram uma queda pronunciada em todas as formas de faculdade criativa dos meninos, com exceção da verbal.

Os professores dos cursos maternos que observaram a geração pré-TV afirmam que as brincadeiras infantis de hoje são muito menos criativas e menos espontâneas que as do passado. «Já não se vêem

crianças fazendo os seus próprios brinquedos de coisas aproveitadas, tal como o faziam antigamente», diz Stephen Worchel, professor de psicologia da Universidade da Virgínia. «Não brincam mais de amarelinha; não inventam brincadeiras. Tudo lhes é sugerido pela televisão.» Alguns professores estão, inclusive, encontrando crianças incapazes de entenderem uma simples história, se não houver ilustrações visuais. «A TV tirou da criança a habilidade de compor figuras em sua mente», opina Dorothy Cohen, especialista em desenvolvimento infantil da Faculdade de Educação de Bank Street, de Nova York.

A geração passiva. Excesso de televisão desde cedo também pode instilar certa atitude de passividade – uma forma de retração ao envolvimento direto nas experiências da vida real. «É a passividade o que, basicamente, a televisão ensina às crianças», afirma Paul Kaufman, pesquisador da Universidade de Stanford. «Ela cria-lhes a ilusão de haverem estado em outro lugar, de terem feito alguma outra coisa ou visto algo diferente, quando, na realidade, estiveram o tempo todo ali, sentadas em casa.»

Condicionada a ver todos os problemas resolvidos em 30 ou 60 segundos, a geração TV exhibe uma baixa tolerância à frustração do conhecimento. As crianças do primário rapidamente se desinteressam de quaisquer atividades que não lhes ofereçam gratificação instantânea. «Você lhes ensina alguma coisa

nova e, imediatamente, se esta lhes parece difícil, elas caem em pranto», lamenta Eleanor Berman, professora de primeira série em Maryland. «Querem que tudo seja fácil... como assistir à TV.»

E que é que a audiência mais impressionável da televisão acha do preço que hoje se está pagando por ela? Basta perguntar às próprias crianças que a resposta vem clara e muitas vezes comovente:

Quatorze anos, Los Angeles: «Para a gente sintonizar com o resto do mundo, a TV é perfeita; mas meu relacionamento com minha família não é muito grande — estamos todos ocupados demais vendo televisão.»

Onze anos, Denver: «A gente assiste a tanta violência que ela perde o sentido. Se eu vir alguém ser assassinado, não vou impressionar-me. Acho que estou virando uma pedra dura.»

Nove anos, São Francisco: «Prefiro ver televisão a brincar na rua, porque lá fora é chato. As coisas são sempre iguais.»

Treze anos, Glastonbury, Connecticut: «Quando vejo uma garota linda na televisão usando um xampu ou um cosmético, eu os compro, para me parecer com ela.»

Dez anos, Nova York: «Fico cheio quando alguém está vendo televisão comigo. Se o nosso amigo se chateia, a gente tem de sair ou ficar conversando, e eu detesto isso.»

O debate quanto às relações entre a violência na TV e o comportamento agressivo na sociedade já deu pano para mangas, mas hoje,

mesmo os defensores mais chauvinistas das redes de televisão reconhecem que algumas crianças, sob certas condições, imitam os atos anti-sociais que testemunham no vídeo. Realmente, um estudo feito para a American Broadcasting Corporation sobre 100 agressores juvenis levou à conclusão de que não menos de 22 confessaram haver copiado técnicas criminosas vistas na TV. Os pesquisadores de comportamento humano também estão descobrindo provas de que o massacre da televisão aumenta a tolerância infantil ao comportamento violento de outros, por ficarem as crianças condicionadas a pensar na violência como coisa do dia-a-dia.

Segundo um estudo do professor de psicologia Thomas Bever, da Universidade de Columbia, os comerciais de TV que adulteram a verdade também podem «distorcer permanentemente os pontos de vista da criança sobre moralidade, sociedade e negócios». De uma pesquisa profunda que realizou com 48 crianças, com idades entre os 5 e os 12 anos, Bever concluiu que, ao atingirem essa idade, muitas delas acham mais fácil decidir cinicamente que todos os comerciais mentem do que tentar determinar quais os que falam verdade. «Os jovens ficam propensos a acreditar que, tal como na publicidade, os negócios em geral e as outras instituições dos adultos estejam crivados de hipocrisia», diz ele.

A vida sem a TV. Alguns pais corajosos enfrentaram esses pro-

blemas simplesmente desligando seus aparelhos. Charles Frye, que tem cinco filhos e é professor de uma escola maternal em São Francisco, não mandou consertar mais sua televisão depois que ela pifou.

Incapazes de tais medidas draconianas, alguns pais estão aumentando seu controle em casa. Há dois anos, os dirigentes da escola maternal Horace Mann, em Nova York, afligiram-se com a eclosão de violências nas brincadeiras de seus alunos. Decidindo culpar por isso a televisão, enviaram uma circular a todos os pais, recomendando que limitassem o tempo que seus filhos assistissem a programas de TV. «Depois da carta, a mudança foi evidente», diz Eleanor Brussel, diretora da escola. «As crianças mostraram maior concentração, melhor compreensão e mesmo capacidade de analisar certos problemas.

É óbvio que não existe antídoto algum para o vício da TV, pois, no que concerne aos filhos da aldeia

global e à sua progênie vindoura, assistir à televisão vai continuar a ser sua experiência mais comum... e formadora. Todos os especialistas no assunto, contudo, concordam virtualmente com um possível paliativo: em vez de usarem a TV como babá eletrônica, os pais deviam tentar envolver-se diretamente com os espetáculos assistidos pelos filhos, vendo de vez em quando com eles seus programas. Por meio desse truque, é possível ajudá-los a avaliar o que estão vendo. «Não é preciso que os pais assistam à TV como uma pessoa que não possa ser interrompida», diz o behaviorista Charles Corder-Bolz. «Se uma noite eles assistirem a um programa com os filhos e fizerem um ou outro reparo sobre ele, podem conseguir com isso maior impacto que o programa inteiro.»

Colocado em sua essência, o problema dos pais já não reside em saber onde os filhos vão à noite, mas o que eles estão vendo... e com quem.



A MEU lado, na sala de espera de um veterinário, estava um senhor idoso, cego, com seu cão condutor. Aguardavam visivelmente apreensivos a hora de entrarem no consultório. Quando sua vez chegou e o médico chamou «O próximo, por favor», o cão, de um salto, se pôs em pé e, propositadamente, dirigiu o dono para fora da sala, direto pela porta da rua.

— T. Warwick, Yeadon, Inglaterra

MINHA mulher, que tinha passado uma manhã febricitante lavando coisas e mais coisas, ia subindo a escada com mais uma trouxa de roupa quando o telefone tocou. Jogou as roupas no chão e desceu correndo as escadas mais uma vez; mas, ao atender, só ouviu uma pesada respiração do outro lado do fio. Sem pestanejar, comentou: «Sei *exatamente* como você se sente!» — e repôs o telefone no gancho.

— R. Laffan, Burton-on-Trent, Inglaterra